Emanoel Pires
Messias Lisboa Gonçalves
(Orgs.)

cancioneiro

Compêndio de crítica literária

escritores(as) maranhenses em discussão

COMPÊNDIO DE CRÍTICA LITERÁRIA

EMANOEL PIRES
MESSIAS LISBOA GONÇALVES
(ORGANIZADORES)

Compêndio de crítica literária: escritores(as) maranhenses em discussão

cancioneiro

Copyright © 2026 by Emanoel Pires, Messias Lisboa Gonçalves (orgs.)

Todos os direitos reservados.

Projeto gráfico e diagramação
Ronyere Ferreira

Capa
Alexandre Mesquita

CANCIONEIRO

Editores
Márcio Douglas de Carvalho e Silva
Ronyere Ferreira

Conselho editorial
Héctor Fernández L'Hoeste (Georgia State University, EUA)
Henrique Buarque de Gusmão (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Johny Santana de Araújo (Universidade Federal do Piauí, Brasil)
Kátia Rodrigues Paranhos (Universidade Federal de Uberlândia, Brasil)
Nancy Yohana Correa Serna (Universidad Nacional de Colombia, Colômbia)
Talyta Marjorie Lira Sousa (Universidade Federal do Piauí, Brasil)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Compêndio de crítica literária: escritores(as) maranhenses em discussão / Emanoel Pires, Messias Lisboa Gonçalves (orgs.). – 1. ed. – Teresina: Cancioneiro, 2026.
308 p.: il.

ISBN: 978-65-5330-100-9

1. Literatura Brasileira – História e Crítica 2. Crítica Literária 3. Escritores Maranhenses 4. Intelectuais 5. Linguagem 6. Memória Literária I. Título

CDD: B869.09

Ficha catalográfica elaborada por Larissa Andrade, CRB 3/1179

EDITORA CANCIONEIRO
Teresina - Piauí
www.editoracancioneiro.com.br
contato@editoracancioneiro.com.br

Sumário

Introdução..... 9

Maria Firmina dos Reis: uma análise das personagens em *Úrsula* (1859) e *A escrava* (1887)..... 11
Luisa Mara Silva Lima
Luíla Silva Lima Farias
Emanoel Pires

Diários de Josué Montello: breves registros da sua jornada intelectual 25
Saulo Barreto Lima Fernandes
Douglas Rodrigues de Sousa

Laura Rosa, a *violeta do campo*..... 47
Maria de Nazaré Barreto Trindade

"Era uma vez uma cidade e a cidade já era": os espaços de memória na poesia de Dyl Pires e Celso Borges..... 91
Kércya Rayanne da Costa Santos
Silvana Maria Pantoja dos Santos

A representação da identidade cultural sertaneja na canção "Luar do sertão", de Catullo da Paixão Cearense..... 111
Maria Rita Silva Ramos
Solange Santana Guimarães Morais

O espaço literário como elemento de representação da identidade de resistência negra e reconstrução histórica em *Os Tambores de São Luís,* de Josué Montello..... 129
Janaira Caroline da Silva Rodrigues
Herasmo Braga de Oliveira Brito

A dualidade estilística de Aluísio Azevedo..... 153
Dariana Paula Silva Gadelha
Elen Karla Sousa da Silva

Os aspectos trágicos no romance *Julieta, coisa e tal,* de Rodrigues Marques..... 175
Aerlys Pinheiro dos Santos
Solange Santana Guimarães Morais

Memória e esquecimento: um estudo comparativo entre "Litania da velha" e "Margens secas da cidade"..... 195
Luana Mendes
Sílvia Oliveira Cunha Moura
Naiara Sales Araújo Santos
Linda Maria de Jesus Bertolino

Memória, espaço e imagens arquetípicas em *O mulato*, de Aluísio Azevedo..... 213
Beatriz Rodrigues Cunha de Oliveira
Byanca Borges de Araujo Cardoso
Josenildo Campos Brussio

A presença do gótico em *A virgem da tapera*, de João Clímaco Lobato..... 237
Elijames Moraes dos Santos Muniz
Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira
Alexandra Araujo Monteiro

Osculário: a complexidade humana nas faces de um beijo..... 257
Maria Raimunda Feitosa Almeida
Gilberto Freire de Santana

Poesia e materialidade no livro-poema *Mundo de Mundim*,
de Lília Diniz..... 277
Nellihany dos Santos Soares
Erica Cristina Rodrigues Nascimento Lima
Flávia Roberta Menezes de Souza

Sobre as autoras e os autores..... 295

Introdução

Pensar a literatura é também mergulhar o pensamento no humano em sua travessia pela linguagem. No Maranhão, essa travessia se densifica, não apenas como herança, mas como permanência, reverberação e gesto de reexistência. Essa literatura que vem a luz do nordeste brasileiro de hoje e de ontem não é mero espelho do mundo; é mundo em si, forma de dizer o indizível e de inscrever sentidos.

Este *Compêndio de crítica literária: escritores(as) maranhenses em discussão* nasce sob a égide dessa travessia. Ao reunir estudos que se lançam nas obras de escritoras e escritores maranhenses, a presente coletânea desvela-se como campo de escuta e pensamento, um lugar onde a crítica se oferece não como fechamento de sentidos, mas como abertura e provocação poético-filosófica diante da palavra que se doa e resguarda-se.

Cada capítulo aqui contido é mais que um exercício interpretativo: é um gesto de presença. A presença de Maria Firmina dos Reis, Aluísio Azevedo, Josué Montello, João Clímaco Lobato, Catullo da Paixão Cearense, Lília Diniz, Laura Rosa, Dyl Pires, Celso Borges, Rodrigues Marques, Arlete Cruz e Antonio Coutinho, que se tornaram matéria de reflexão. Mais do que revisitá-los, os capítulos propõem confrontá-los, no sentido nietzschiano do termo: colocar-se diante, deixar-se afetar.

Habita neste compêndio uma inquietação comum: a indagação crítica sobre o lugar do humano, da linguagem e da memória no fazer literário. Em sua pluralidade de vozes e temas, o livro desenha um percurso que vai do trágico ao lírico, do social ao arquetípico, do espaço à identidade. Não há aqui uma síntese apaziguadora e uniformizante, mas um movimento originário, que interroga, desloca e propõe novas lentes de leitura e o alargamento do pensamento literário.

Neste sentido, ler esta obra é aceitar o convite ao pensamento. Um pensamento que se faz com o texto e contra ele, que não se contenta com a

repetição dos cânones, mas busca escavar a sua espessura. Um pensamento que compreende que toda literatura é também uma política do sensível e uma ética do dizer.

Que este compêndio possa, portanto, servir como passagem: da leitura à escuta, da crítica à criação, da memória ao porvir.

Emanoel Pires
Messias Lisboa Gonçalves
(organizadores)

Diários de Josué Montello: breves registros da sua jornada intelectual

Saulo Barreto Lima Fernandes
Douglas Rodrigues de Sousa

Introdução

Poucos são os autores modernos que podem se considerar como um intelectual completo. Certamente Josué Montello foi um deles. Assim, diante desse reconhecimento da conquista em um patamar relevante no meio literário, do conjunto da obra apresentada e do calibre intelectual acumulado por Montello, muitos até poderiam ser levados a imaginar que, por um momento, o escritor tenha gradualmente reduzido ou até mesmo deixado de cultivar o hábito constante da leitura. Isso tudo em detrimento da abnegação que a escrita criativa requer, especialmente pelo fato de ele já ter produzido algumas de suas principais obras e obtido, inclusive, relevantes repercussões favoráveis no meio crítico literário. No entanto, essa suposição está longe de ser verdadeira.

Independente do momento e do gênero da obra a qual se encontrava submetido em sua produção, Montello – mesmo tendo alcançado o posto com dificuldades – jamais considerou renunciar ou deixar suas leituras em segundo plano, a fim de dedicar-se exclusivamente à produção literária. Não estar comprometido com uma leitura incutia, no âmago do romancista, um sentimento devastador de perda, algo a que ele jamais pensou se habituar, conforme ilustra o fragmento abaixo:

> Por que esta obstinação de escrever, se poderia empregar meu tempo unicamente na leitura? Goethe, Shakespeare, Molière, Gil Vicente, Balzac, cada qual com boa parte do que escreveu, estão na minha estante, aguardando vez, como na sala de espera. E eu continuo debruçado sobre

> a folha de papel – escrevendo. É que sinto em mim algo que reclama a palavra escrita para desafogar-se. Não são os outros que hão de ter paciência comigo. Sou eu mesmo (Montello, 1998, p. 24).

Consoante ao registro anterior, não fosse a necessidade em "desafogar-se" escrevendo, impulsionado pelos reclames que a palavra escrita exige, de forma natural a leitura tomaria lugar de destaque em suas atividades cotidianas. Dessa forma, embora fosse um escritor prolífico, fica evidente que Montello, em hipótese alguma, cogitaria fazer distinção entre uma atividade e outra, pois, conforme o que exprimem Mortimer J. Adler e Charles Van Doren (2010, p. 105), "escrever e ler são artes recíprocas, assim como ensinar e aprender." Nesse sentido, o romancista posicionava a leitura e a escrita no mesmo patamar de importância. Para ele, elas são complementares. E a despeito da patente bagagem intelectual acumulada desde então, Montello, foi reconhecido tanto pela crítica quanto pelo público leitor como um excelente ficcionista, um homem erudito no sentido mais rigoroso do termo.

Nessa perspectiva, ventilar a hipótese de que uma atividade é posta em detrimento da outra soa como improvável no âmbito da criação literária desse autor específico ou de qualquer outro inserido no meio artístico em geral. Tomando como exemplo a experiência pessoal do processo de criação literária de Francine Prose, também professora de Literatura, em sua obra *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los* (2008), pode-se constatar que uma boa leitura em concomitância com alguma produção pode figurar como fundamental; uma "aula", em suas palavras, um combustível adicional para superar um possível entrave criativo na composição de qualquer obra.

A leitura, portanto, para um escritor, sob esse ponto de vista, torna-se ainda mais necessária em detrimento das necessidades do leitor comum ou esporádico, ou seja, daquele que lê apenas – em um primeiro momento – com o intuito de instrução ou entretenimento. Assim Prose (2008) explicita, também:

> Ao mesmo tempo, a leitura de uma obra-prima pode nos inspirar, mostrando-nos como um escritor faz algo de maneira brilhante. Em certas ocasiões, ao dar um curso de leitura enquanto simultaneamente traba-

> lhava num romance, comecei a perceber que, quando chegava a um impasse em meu próprio trabalho, o conto que estava ensinando naquela semana, fosse qual fosse, me ajudava de algum modo a transpor o obstáculo. Uma vez, por exemplo, eu estava lutando com uma cena de festa e por acaso estava trabalhando em aula com o conto "Os mortos", de James Joyce, que me ensinou alguma coisa sobre como orquestrar as vozes dos convidados da festa num coro a partir do qual os atores principais davam um passo à frente, cada um por sua vez, para fazer seus solos (Prose, 2008, p. 23).

Por conta disso, ao longo das anotações dos acontecimentos de seus dias, além da confissão de como sua obra nascia e era construída, torna-se bastante recorrente fazer apontamentos referentes ao seu universo como leitor, ao conjunto de suas leituras. Montello fazia questão de registrar isso como uma forma de agregar ainda mais peso literário aos seus diários, que ainda estavam em construção.

> Em 1952, quando iniciei o meu diário, tive o cuidado de não me limitar a falar de mim mesmo, no registro de minhas reações diante da vida: inclinei-me também para o comentário do mundo que me cercava, *tanto no campo das minhas leituras* quanto no campo dos meus convívios pessoais (Montello, 1998, p. 12).

Os diários montellianos, dessa forma, não são apenas repositórios explícitos de sua criação literária, mas também remetem a pontos importantes anteriores à sua própria criação. Entre outros aspectos, destacam-se como significativos os registros de como o romancista lidava com suas leituras, seus comentários sobre autores prediletos e em que medida isso pode ter influenciado suas obras ficcionais posteriormente, como no caso de *Janelas Fechadas* (1941), seu primeiro romance:

> Gravemente enfermo na adolescência, na amplidão de uma casa de veraneio em São Luís, guardei desse período algumas lembranças boas, associadas aos ruídos de minha rede no vaivém dos armadores: o sussurro do vento nas folhas das árvores, os cantos das sericoras, o tom de ouro e rosa das mangas maduras, a leitura dos velhos livros e das velhas revistas. Tudo isso coube, alguns anos depois, no entrecho e no ambiente do meu primeiro romance, *Janelas Fechadas*. Porque Deus trabalha para o escri-

> tor, sempre que o escritor identificar-se com as obras de Deus (Montello, 1998, p. 12).

Por esse motivo, neste momento da pesquisa, coloca-se em destaque como os diários de Montello colaboraram no esforço de desvelar uma parte importante na construção de seu percurso como intelectual, por meio de sua intensa atividade cognitiva, isto é, através de suas leituras; um hábito ou vício que teve origem no seio familiar ainda na infância.

Dessa forma, é possível visualizar quais práticas contribuíram para que o escritor ganhasse um papel de destaque no meio literário ludovicense, evidenciado principalmente em um de seus primeiros engajamentos intelectuais na chamada vida literária, como um integrante ativo da agremiação modernista denominada de Cenáculo Graça Aranha, conforme mencionado anteriormente.

Em seus registros no *Diário da Manhã*, a leitura e os livros são considerados não apenas a base de sua vida intelectual, mas também um escape constante, algo que conferia sentido à sua vida e que estava muito além dos obstáculos e obrigações impostas desde cedo, como evidencia o fragmento a seguir:

> 17 DE ABRIL [DE 1955]
> Valéry Larbaud, repetindo Logan Pearson Smith, chamou de vício impune à leitura, no título de um livro de ensaios críticos. Não a considero assim. A leitura, para mim, é refúgio, é vida, é paz, é companhia. Sinto-me incompleto sem um livro. Rodeado de livros, jamais me senti como o personagem de Eça de Queiroz, em Paris, na sua biblioteca, e que, entediado de tanto saber, de tanta emoção impressa, acabava bocejando, enquanto estendia a mão para apanhar no porta-jornais o *Diário de Notícia.*
> Não sei o que seria de mim sem os livros. Desde a adolescência eu os tenho ao alcance da mão. Meu primeiro ordenado, aos 15 anos, eu o depositei, inteiro, na Livraria Moderna, em São Luís, e trouxe de lá, nesse dia, o ponto de partida dos volumes que me rodeiam, solícitos, prestativos (Montello, 1998, p. 259).

Além da idade precoce, uma confluência de outros fatores – a exemplo da rigidez imposta pela vida religiosa, o acometimento de doenças graves,

os distúrbios de sono, as questões emocionais das mais diversas ordens e, especialmente, a questão familiar, representada de forma mais evidente na figura paterna, a quem o romancista reconheceu como responsável pelo gosto pela leitura, as memórias das andanças que os dois empreendiam no itinerário de casa para o sítio da família – foram cruciais para que o escritor deslanchasse na composição de seu gênero mais caro, o romance.

Em meio ao doloroso registro da morte do pai, em seu *Diário da Tarde*, Montello relembra um dos maiores ensinamentos que seu genitor poderia ter proporcionado, a leitura. Além disso, a vivência entre ambos, cultivada em sua memória afetiva, favoreceu para a construção de sua primeira obra de grande fôlego, por assim dizer. É o que evidencia o trecho a seguir:

> 21 DE OUTUBRO [DE 1957]
> Mãos amigas e filiais levaram à sepultura, na tarde de ontem, no Rio de Janeiro, o corpo de meu pai. Seis meses permaneceu ele no leito do hospital. Sem se queixar nem se revoltar. Sabia que Deus estava à sua espera. Com antecedência, indicou, na sua velha Bíblia, os textos que minha mãe devia ler, quando ele lhe faltasse: estaria assim ao seu lado, confortando-a por intermédio da palavra de Deus.
> *Devo ao meu pai o gosto da leitura. Primeiro, porque o via, todos os domingos e feriados, ao entardecer, sentado numa cadeira junto à janela, lendo a Bíblia, na tradução clássica do padre Antônio Pereira de Figueiredo; segundo, porque fez de mim, ainda menino, o leitor dessa mesma Bíblia, em voz alta, à noite, com a família em volta da mesa, na sala de jantar.*
> Houve um tempo em que, morando em São Luís, na rua dos Remédios, nos deslocamos para a casa do Anil, distante da cidade. Essa mesma casa, que serviria de cenário ao meu romance *Janelas fechadas*, ainda hoje existe, com suas mangueiras, suas jaqueiras, seus dois buritizeiros no alagadiço que precede o capinzal (Montello, 1998, p. 501, grifo nosso).

Na ânsia de emancipar-se como sujeito e de compreender o mundo que o cercava, Montello tinha consciência de que o contato e a leitura contínua de livros seriam cruciais para essa empreitada, porque "somente a leitura intensa, constante, é capaz de construir e desenvolver um eu autônomo" (Bloom, 2001, p. 188).

Mesmo correndo o risco de ser rotulado apenas como mais um "bibliófilo" por buscar o conhecimento enciclopédico, ou por atrair para si

a reputação de "biblioteca ambulante", ao demonstrar, em um primeiro momento, interesses aleatórios ou genéricos, Montello não deixava de se dedicar a temas que exigiam análises específicas sobre determinadas questões, sobretudo no campo literário.

Portanto, ciente de seu papel, escolheu levar uma vida "bibliocêntrica" – não em referência apenas aos livros bíblicos (cânone religioso), mas aos livros de maneira geral (cânone universal) –, o que resultou na busca e, posteriormente, na compilação de livros dos mais variados gêneros e épocas. Essa dita compulsão se materializou por completo e pode ser observada nos volumes de sua vasta biblioteca particular que, atualmente, integra (juntamente com seu arquivo pessoal) o patrimônio da Casa de Cultura que leva seu nome.

Nessa mesma linha de pensamento, ao analisar a construção desse percurso, é possível constatar a relação visceral de Montello com a ocupação de espaços físicos e/ou simbólicos, a exemplo de editoras, livrarias, bibliotecas (públicas e particulares) com o local de trabalho e com os livros em formato físico, visto que na época, não se contava com os formatos digitais.

Para além disso, é natural que ao estudar a obra de um escritor, como por exemplo a de um poeta, frequentemente depara-se com paralelismos que associam o conteúdo de seus escritos ao de outros predecessores. No meio acadêmico, esses são conhecidos como antecessores ou formadores, que exercem influência direta ou indireta (tanto em conteúdo quanto em forma e estilo) no autor específico, mesmo que não tenham sido citados explicitamente em algum momento de sua produção, conforme concepção utilizada por Amílcar Bettega Barbosa (2012), escritor e doutor em Criação Literária:

> É a partir de determinados modelos, aqueles com os quais ele percebe uma afinidade, que aqui chamo de fraterna, que suas primeiras tentativas de escrita se esboçam. E é também em direção a estes modelos que elas se constroem. Em algum momento da vida do leitor – lembramos: sempre um escritor em potencial – dá-se o encontro com um texto e um autor que serão decisivos no desenvolvimento dessa potencialidade para a escrita. Alguma coisa se passa nesse encontro e firma uma aliança indissolúvel: o futuro escritor jamais esquecerá esse momento, jamais renegará sua filiação a esse ou a esses autores formativos. É quando o

> leitor (que ainda não se sabe escritor) é tocado pelo texto e percebe que há uma sensibilidade da mesma espécie entre ele, leitor, o texto e, em última instância, aquele que produziu este texto já decisivo, já formador. Ele descobre e reconhece ali aspectos que desconhecia em si mesmo e que lhe são revelados a partir desse encontro (Barbosa, 2012, p. 30-31).

Isso posto, uma questão surge diante dessa correlação entre leituras e produção. Antes de se tornar um bom poeta, é presumível que o escritor tenha sido leitor e conhecedor das referências e dos poetas mais proeminentes, ou até mesmo ter sido um estudioso, um crítico, talvez um analista sobre o tema. Esse pormenor, a propósito, não fica restrito somente ao campo poético, mas a qualquer outro quando se trata da seara artística e intelectual. Desse modo, o mesmo acontece com os acadêmicos no tocante aos textos acadêmicos, com os jornalistas em relação à tipologia textual informativa, com os contistas no que concerne aos contos, com os romancistas e os romances, com os diaristas e os diários, e assim sucessivamente.

Dessa forma, enquanto submerso nessa atividade e de tanto se identificar como um estudioso assíduo desse ou daquele gênero, o leitor acaba nutrindo – mesmo que num primeiro momento e de forma involuntária – um tipo de aventura, ou seja, o desejo de escrever, conforme preceituou o crítico literário e semiólogo francês Roland Barthes:

> Há, finalmente, uma terceira aventura da leitura (chamo de aventura a maneira como o prazer vem ao leitor): é, se assim se pode dizer, a da Escritura; a leitura é condutora do Desejo de escrever (estamos certos agora de que há um gozo da escritura, se bem que ainda nos seja muito enigmático). Não é que necessariamente desejemos escrever *como* o autor cuja leitura nos agrada; o que desejamos é apenas o desejo que o escritor teve de escrever, ou ainda: desejamos o desejo que o autor teve do leitor enquanto escrevia, desejamos o *ame-me* que está em toda escritura. Foi o que disse claramente o escritor Roger Laporte: "Uma pura leitura que não suscite uma outra escritura é para mim algo incompreensível... A leitura de Proust, de Blanchot, de Kafka, de Artaud não me deu vontade de escrever a respeito desses autores (tampouco, acrescento, *como eles*), mas de *escrever*" (Barthes, 2004, p. 38-39, grifos originais).

Contudo, frequentemente, percepções como essas (de explícitas referências a antecessores) permanecem implícitas na produção literária, especialmente entre aqueles autores que não escreveram sobre si em suas próprias obras ou em outras formas de escritas, tais como crônicas, ensaios ou diários. Isso torna o trabalho do crítico ou pesquisador ainda mais desafiador durante a exegese de seu objeto de estudo ou obra em análise.

Contudo, esse não foi o caso de Montello, haja vista que tanto em seus diários quanto em outros escritos dispersos, o romancista maranhense deixou registros das leituras que mais o impactaram e, ainda mais importante, suas impressões positivas (algumas nem tanto) sobre diversos autores, incluindo clássicos nacionais e estrangeiros, contemporâneos e outros. Ele revelou ser um leitor ávido de nomes como Machado de Assis, Austregésilo de Ataíde, Honoré de Balzac, Marcel Proust, Eça de Queiroz, Gustave Flaubert, Jean-Jacques Rousseau, entre outros que, direta ou indiretamente, podem ter influenciado em sua composição como autor.

Ítalo Moriconi, ao se referir ao livro anterior de Prose, é cirúrgico nessa constatação:

> O espaço deste posfácio pertence à literatura brasileira. Espaço para revisitar alguns modelos válidos em nossa língua, escritos por autores nossos, mestres para quem deseja tornar-se escritor ou escritora. Aperfeiçoar-se como escritor é sobretudo aperfeiçoar-se como leitor, esta a mensagem do livro de Francine Prose. Escrever é ofício e ofício se aprende com quem já o exerce antes de nós: há o mestre, há o aprendiz – termos aqui utilizados num sentido que pouco tem a ver com escola na acepção comum da palavra, embora a escola seja por excelência lugar de contato (ou de primeiros contatos) com modelos e exemplos literários. Aqui a relação mestre/aprendiz está sendo tomada no sentido de arte, artesanato. No sentido em que a leitura é a oficina básica do escrever. Atividade produtiva, aquisição de capital. Leitura dos mestres do passado, visando extrair lições práticas. Leitura dos contemporâneos, dos autores mais recentes, para apreciar, invejar, divergir, desenvolver acuidade crítica. Finalmente, a leitura desenvolvida naquele círculo íntimo de leitores que são os interlocutores diretos do autor: o passar de mão em mão, a troca de textos entre componentes de uma oficina de criação, o pedido de opinião feito a alguém próximo, não necessariamente profissional do ramo ou figura

> pública, mas cujo discernimento crítico pessoalmente respeitamos ou admiramos (Moriconi, 2008, p. 221).

Assim antes de enveredar pelo gênero em questão, presume-se que Montello buscou obter subsídios em obras tidas como referências naquela área, de forma contínua, a fim de aprimorar seu processo de escrita. Era leitor assíduo de diários e, muitas vezes, fazia questão de exercer seu papel como mero comentador, crítico ou, em outras palavras menos pretenciosas, de consignar seu parecer positivo ou negativo a uma determinada obra e/ou autor – mas sempre de forma meticulosamente fundamentada, analítica ou comparativa.

Um diarista leitor

Com relação aos diários em si, foi necessário que Montello reunisse uma variedade de leituras que contribuíssem para a construção de sua concepção pessoal de como ser um diarista, ou melhor, um escritor-diarista, um termo que por si só exige uma maior responsabilidade. Nesse sentido, Montello afirma que:

> [...] a despeito do gosto de ler diários literários, notadamente os de procedência inglesa, como os de Boswell, de Virgínia Woolf, de Catherine Masnfield, não pensei em transferir para o papel o registro sistemático de minhas experiências existenciais. Só bem mais tarde, em 1952, me lancei à nova experiência literária (Montello, 1998, p. 12).

Dessa forma, os diários, de um modo geral, tomaram espaço na vida de Montello como leitor, que selecionava seus diaristas preferidos. Porém, ao que parecem indicar diversos registros, a leitura desses textos não era feita considerando apenas sua compreensão pessoal no que toca a essência do gênero em toda a extensão de seus diários.

Somado a isso, Mônica Gama (2013), professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Ouro Preto, estudiosa da obra do também romancista mineiro João Guimarães Rosa, identifica a concepção de que tornar-se leitor detido de um gênero é praxe entre aqueles que alcançaram reconhecimento na escrita daquela tipologia literária:

> A passagem é significativa devido ao jogo de espelhos entre as identidades envolvidas: Guimarães Rosa, diarista, escritor, leitor de diários, os quais comentam, por sua vez, os mecanismos de escrita de outros escritores. Na escrita do diário, o autor depara-se com faces diferentes de si mesmo, unificadas por um corpo que se engaja no projeto de autodocumentação; essas imagens produzidas formam um repertório que pode servir para reflexão sobre si mesmo ou até como arcabouço para criação ficcional. O que dizer então quando o escritor tem o hábito de ler diários de outros, portanto, o repertório de imagens de si de outros escritores?
>
> Uma das formas de se pensar a constituição autoral (e, logo, as formas de exibição da imagem de autor) se dá na relação que um escritor estabelece com o campo literário, o *ethos* e as posturas disponíveis (repertório de identidades autorais) a partir das quais construirá a sua própria identidade. O autor é, então, construído na leitura – leitura que ele fez das imagens de seus pares, leitura que nós fazemos deles. Por isso é importante investigar de que forma os diários lidos por Guimarães Rosa passaram a participar de sua obra, afinal, é possível que o escritor tenha transformado esse tipo de escrita em fonte de pesquisa (Gama, 2013, p. 201-202).

Montello era ciente dessa constatação. Ler diários de diaristas consagrados aproximava-o deles, de certa forma, além de aumentar significativamente suas possibilidades de ser reconhecido no mesmo rol. No texto preambular de seu *Diário do Entardecer*, esse pormenor fica bem mais claro:

> Mais do que uma expressão literária, um diário como o de Julien Green, como o de Amiel, como o dos irmãos Goncourt é uma forma de conhecimento de outras experiências humanas. Faz-nos aprofundar o mistério dessas experiências. *Abre-nos caminho para nossa identificação com elas.* E também para ajuizarmos de nossas discordâncias (Montello, 1998, p. 946, grifo nosso).

Além disso, com o passar dos anos, são inúmeros os escritores que se dedicaram à análise da composição de obras literárias, é o que pondera Barbosa. Nessa perspectiva, ainda:

> São notórios os registros feitos por escritores célebres a propósito de suas obras, assinalando os avanços, recuos, dúvidas, enfim, toda uma série de

> hesitações que faz parte do processo de criação. Outros se debruçaram sobre o tema em seus escritos íntimos, nos diários e anotações pessoais. Há ainda os que fizeram do diálogo fora de si o caminho para a reflexão sobre a criação, como atestam os exemplos (abundantes, ao longo da história literária) de correspondências que se estenderam por anos a fio entre escritores e alguns amigos, colegas de ofício ou pessoas com afinidade literária suficiente para estabelecer o clima de confiança necessário à troca frutífera de ideias a respeito da escrita (Barbosa, 2012, p. 39).

A título de ilustração, Montello pontua dois registros que contextualizam bem essa conexão. No primeiro deles, o romancista comenta favoravelmente os diários do paraibano Ascendino Leite, autor não muito celebrado no cenário literário brasileiro, mas que o romancista maranhense soube reconhecer o valor subjacente e extrair lições. Isso demonstra outra qualidade "montelliana": a habilidade de inferir impressões positivas de quem não fosse considerado um clássico, por assim dizer, o que significa que o escritor buscava elaborar suas próprias críticas, sem interferências prévias.

Ao comparar Leite com o filósofo francês Michel de Montaigne, Montello destaca o fato de que aquele literato, ao citar obras e conversas de autores a quem se atribuía o epíteto de mestres, detém uma espécie de integridade intelectual, algo de que o autor de *Os Tambores de São Luís* era notavelmente adepto. Ao longo de seus diários, uma plêiade de literatos (reconhecidos ou não) foi constantemente e exaustivamente citada, especialmente aqueles pelos quais o romancista mantinha maior afinidade intelectual. Em o *Diário da Noite Iluminada* consigna o registro:

> 11 DE MAIO [DE 1982]
> Cada volume novo do longo diário literário de Ascendino Leite é um regozijo para o meu espírito, não obstante a afetuosa compulsão com que o querido companheiro insinua algumas folhinhas de urtiga nas suas braçadas de flores. É a sua maneira natural. Por isso mesmo, ao longo da leitura deste seu *Vigia da tarde*, trato de me coçar, enquanto aspiro o perfume das rosas e dos bogaris (Montello, 1998, p. 260).

Nota-se que o escritor maranhense deu predileção a livros que lhe impactaram, que possibilitaram ensinamentos para sua vida como escritor, crítico, conhecedor da boa literatura, de modo que seu cabedal intelectual

se configura como um subsídio indispensável para a construção de sua obra como um todo. Outra lição obtida diretamente de suas incansáveis leituras de diários – desta vez os de Virginia Woolf – não se refere, necessariamente, à criação literária em si, mas trata de outras questões que poderiam influenciar futuramente o desenvolvimento de suas próprias composições.

Entre as leituras dos textos de Woolf, um registro em particular relacionado a um comentário feito por ela sobre a proeminente escritora George Eliot, romancista britânica do século XIX, chama a atenção de Montello. Ao ler os escritos diarísticos de Woolf, o literato maranhense recebe um alerta sobre a importância de ter contato com as críticas. Isso reforça o elogio anterior a Ascendino Leite quanto à importância de um escritor sempre buscar referências em outros autores, como mencionado no *Diário do Entardecer*, de 5 de janeiro de 1973: "Há livros que, depois de lidos, dispensam que os tiremos da estante. Ali ficam para uma consulta, uma referência, sem que nos convidem ao prazer de relê-los" (Montello, 1998, p. 1231).

Balzac como inspiração literária

É de conhecimento geral que Josué Montello era referência inconteste como um profundo conhecedor da chamada boa literatura, sempre muito diligente ao que podia extrair dos clássicos, ou seja, daquelas obras comumente classificadas como literatura fundamental ou leitura obrigatória, incluída no chamado cânone universal. Sem falar que o romancista sempre pertenceu a círculos de agremiações literárias das mais importantes, auferindo relevantes títulos e críticas favoráveis nesse campo. Era um destacado membro ativo da Academia Brasileira de Letras (ABL) e contava com acesso livre às mais diversas instituições de saber situadas nos grandes centros, inclusive em outros países. De certa forma, todo esse trânsito ajudou a aproximá-lo da tradição de grandes nomes da literatura de projeção nacional.

Outro fator que pode ter contribuído para tal prestígio está relacionado ao seu "berço", sua terra natal São Luís, afinal, ele nasceu na "Athenas Brasileira" uma cidade que outrora possuía uma forte tradição literária com considerável repercussão nas letras nacionais, contando com nomes memoráveis como Gonçalves Dias, Sousândrade, Coelho Neto, Humberto de Campos, os irmãos Artur e Aluísio de Azevedo, e Ferreira Gullar – apenas para mencionar os mais conhecidos.

"Minha província natal, zelosa de seus valores literários, inspirava-se mais na tradição, que lhe cumpria preservar, do que na rebeldia, que ameaçava essa tradição. Daí o pendor clássico de meu espírito" (Montello, 1987, p. 40). Embora ao final achasse mais prudente como intelectual conciliar as influências pretéritas e as atuais, "mais tarde, quando reconheci a discordância entre a tradição e os valores de meu tempo, tratei de harmonizar as duas vertentes, e é à luz dessa concordância que desejo ser julgado" (Montello, 1987, p. 40). Dito isso, o fato de um autor estar próximo de escritores já consagrados e ser um leitor assíduo de clássicos, pode torná-lo ou não um clássico também, o que sugestiona novos estudos a respeito.

Por outro lado, neste momento, é necessário discutir brevemente uma questão específica sobre o que torna uma obra um clássico e por que é tão importante lê-los. Devido ao fato de ser um tema amplamente debatido no meio acadêmico, é oportuno apenas apresentar considerações concisas sobre os conceitos que envolvem essa perspectiva.

O romancista italiano Ítalo Calvino (1993) – talvez uma das maiores referências no assunto – entende que: "os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)" (Calvino, 1993, p. 11). Ou seja, para ele, um clássico não pode surgir sem conexão com os predecessores. Dessa forma, os clássicos seguem um padrão quase que de forma natural e carregam uma certa similaridade, uma clarividência com escritos anteriores. Para o autor, ainda, "um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia" (Calvino, 1993, p. 14).

Ainda explorando esse assunto, o crítico literário estadunidense Harold Bloom (1994), outro conhecido estudioso por analisar clássicos, especialmente aqueles imortalizados no cânone, ao ressaltar as influências dessas obras no contexto da chamada tradição literária, destaca que, de certo modo, tudo o que é publicado atualmente corresponde, inevitavelmente, ao que fora produzido no passado. Portanto, para uma obra do presente ter a pretensão de classificar-se como um novo clássico, deverá apresentar elementos característicos já presentes em outras obras anteriores, como se fosse um fio condutor pertencente a uma genealogia, pontua Calvino (1993), resultando de um exercício dialético semelhante, de uma

comparação entre o novo e o antigo, dependendo, assim, das leituras e interpretações que se façam delas.

Franklin de Oliveira, um dos maiores críticos da obra "montelliana", soube identificar essa conexão em seu objeto de estudo. Ele afirma que:

> A obra de ficção de Josué Montello é exemplar expressão da relação dialética entre o herdado e o novo. A sua novelística retoma e desdobra a saga de São Luís do Maranhão fundada por Aluísio Azevedo. Saga esta é a palavra que melhor abarca os dois universos romanescos, desde que nela redescubramos o seu sentido primordial, que vem das literaturas nórdicas dos séculos XIII e XIV, especialmente da islandesa, na qual designa relatos em prosa, em que o fundo histórico é iluminado pela preocupação com o destino humano (Oliveira, 1978, p. 36).

Isso considerado, partindo do pressuposto de que ao entrar em contato com os clássicos é plenamente possível apropriar-se de suas principais características, presume-se que Montello, como leitor desse tipo de obra, reteve valiosas lições que o auxiliaram a aprimorar seu papel como romancista. A importância que o literato atribuía – na solidão de seu exercício literário – à leitura dessas obras era tão grande a ponto de ele se referir continuamente aos seus autores como se ainda estivessem vivos, pois dialogava com eles no sentido de aplacar o constante sentimento de solidão inerente à sua profissão.

"O Diário – esse livro na aparência inteiramente solitário – é escrito com frequência por medo e angústia da solidão que atinge o escritor por intermédio da obra", diz M. Blanchot (1987, p. 19). Portanto, diante disso, ele frequentemente usava o pronome possessivo "meu" ao se dirigir aos literatos como "amigos", ou, em outras ocasiões, como "mestres", de modo que retinha não apenas lições que o auxiliariam em suas próprias criações, mas também diversos ensinamentos que abordavam distintas tipologias, lições de vida, morais e filosóficas. Em seu *Diário da Tarde*, do ano de 1962, dois registros falam a respeito das suas experiências de leitura da obra de Balzac:

> 25 DE MARÇO
> De madrugada, tendo acordado depois de um pequeno pesadelo, perdi de todo o sono. Levantei-me, vim ao meu gabinete, apanhei ao acaso um volume na fileira dos livros de Balzac.

> De volta ao quarto, fiquei lendo, na claridade do abajur, até que esta se confundiu com a claridade do novo dia, a novela *Une rue de Paris et son habitant*, que eu não conhecia.
> Conclusão: o velho Balzac, ao contrário do que presumem os que não o leram, está perfeitamente ajustado à literatura atual, nessa breve narrativa modelar-simples mancha, sem nada de dramático, qualquer coisa que antecipa Tchecov. O melhor Tchecov.
> Dessa novela, retiro a definição das caixas de livros dos buquinistas de Paris, nas duas margens do Sena: catacumbas da glória. Perfeito. E esta definição do sábio eternamente distraído, na figura do professor Marmus, membro do Instituto de França:
> "Um sábio é um homem que não sabe absolutamente nada - da vida, entenda-se" (Montello, 1998, p. 676-677).

Assim sendo, em meio a um universo de possibilidades de leituras de clássicos de várias nacionalidades, há uma vertente especial que se destaca diante dos interesses particulares de leitura de Montello, os clássicos de origem francesa. Essa predileção vai muito além do estado natal do autor ter sido influenciado pela França Equinocial, ou de ele ter viajado como embaixador para cidades francesas, o que o fez estreitar sua relação com a cultura francesa *in loco*. O resultado disso foi a organização de um livro publicado postumamente, intitulado *Areia do Tempo: crônicas sobre a cultura francesa e seus autores* (2009), produzido por Yvonne Montello, sua esposa. A obra é uma compilação de artigos que discorrem não apenas sobre literatura, mas também sobre os diversos elementos da cultura francesa em geral.

Entretanto, antes de analisar alguns dos autores franceses com os quais Montello mais mantinha contato, cabe registrar um breve adendo acerca das origens dessa influência da literatura francesa na formação dos intelectuais brasileiros, a ponto de refletir até na formação intelectual de escritores contemporâneos.

O historiador americano Jeffrey Needell (1993), especialista em América Latina, em seu aprofundado estudo de título *Belle époque tropical* somou importantes contribuições acerca de como a sociedade carioca, no início do século XX, era adepta dessa inspiração francófona. Sem se abster de aspectos precursores, o estudioso demonstra que não só o Brasil estava exposto a essa influência que se dava em decorrência das fortes mudanças sociais ocorridas na França nos séculos passados. Seu trabalho, portanto,

apresenta valiosas lições, posto que evidencia o porquê de tantas cidades brasileiras terem voltado o olhar para a cultura francesa em geral, o que refletiu nas letras nacionais, fenômeno que só aumentou a partir das décadas seguintes. Na perspectiva de Needell:

> As raízes deste fato, mais uma vez, remontam ao século XVIII. Da mesma forma que Portugal encontrou prazer e instrução no Iluminismo francês, o mesmo ocorreu com a colônia. A criação de instituições de educação superior, sob o despotismo e esclarecido do marquês de Pombal, ministro de José I, foi o coroamento de tendências anteriores. Após fundar academias similares às francesas, Portugal reformou a Universidade de Coimbra e abriu colégios iluministas O patrocínio real, o apoio de Pombal, as viagens de diplomatas e estudantes e a riqueza nascida do ouro e das pedras preciosas brasileiras fomentaram uma era francófila na literatura que só ganhou força no século XIX. O Brasil, também, teve suas academias e, embora elas não tenham perdurado, parte dos setores médios e da elite da Colônia adquiriu um gosto permanente pela literatura francesa, estimulada na Core do vice-rei no Rio, na escola reformada de Olinda ou em Coimbra, Paris e Lisboa, para onde os endinheirados costumavam enviar os filhos para que se educassem e fizessem os contatos adequados (Needell, 1993, p. 211-212).

Ciente dessa relação, presume-se que Montello, embora tenha nascido após essa época e pertença a outra escola literária, decidiu de maneira ponderada acolher tal recomendação para si. Se muitos autores brasileiros consagrados passaram por essa "escola", leram e/ou sugeriram livros de origem francesa, por que não os ler? Talvez tenha indagado a si mesmo Montello.

Assim, vale comentar sobre um autor francês muito presente no universo de leitor de Montello, Honoré de Balzac. O autor francês foi alvo de sua atenção constante e digno de comentários que abrangiam uma variedade de perspectivas, devidamente registrados em seus diários, muitas vezes na língua original.

A ficção de Balzac rendeu análises precisas das mais diversas não apenas no que se refere à obra em si, mas também em relação aos comentários desse autor sobre outros assuntos variados. Proust, assim como Montello, também foi um leitor e comentador de Balzac, e isso não escapou aos

olhos do romancista maranhense. Na precisa data de 24 de fevereiro de 1978, em seu *Diário da Noite Iluminada*, Montello assevera o seguinte:

> Observação de Proust sobre o mistério da criação romanesca, em carta a André Gide: 'Para inventar Lucien de Rubempré, Balzac foi ajudado por uma certa vulgaridade pessoal.' Conclusão a tirar, para bom uso dos romancistas: nós inventamos o que já existe em nós como substância da criação literária (Montello, 1998, p. 46).

Quando nutria predileção por certos autores, Montello não se contentava apenas em ler suas obras ficcionais mais conhecidas. Ele costumava ir além, aprofundando-se. Dessa maneira, frequentemente fazia referências a outros tipos de escritos que aquele literato pudesse ter produzido, como diários, cartas, críticas, biografias, resenhas, entre outros. Muitas vezes o romancista assumia o papel de pesquisador e investigador, buscando diversas fontes relacionadas ao autor ou autora em questão. Dalí, ele poderia extrair aprendizados importantes para a compreensão dos textos que tanto o prendiam a atenção, pelos quais ele dedicava horas de leitura prazerosa e construtiva. Destacado isso, é importante mencionar o *Diário do Entardecer*, obra em que fica evidente a necessidade não apenas de ler, mas de se envolver intimamente com o prolífico autor francês:

> 15 DE ABRIL [DE 1976]
> Para quem ainda não conhece Balzac, *Eugénie Grandet* pode valer como excelente iniciação ao seu mundo romanesco. Embora a narrativa tenha por objetivo o seu conjunto, no plano de uma transposição da vida social, vale também por seus elementos constitutivos, nos quais frequentemente se destaca a visão nova de Balzac. [...]
> É necessário ler Balzac. Mais do que isso: é indispensável conviver com ele, na intimidade estudiosa de seus grandes livros. Só depois de lê-lo, conheceremos melhor a realidade que nos cerca, em muitos de seus segredos e mistérios. Sempre que posso, tiro da estante um de seus romances, e abro-o ao acaso. E Balzac me dá lições como esta, que reencontro em *Eugénie Grandet:* "Todo poder humano é uma mistura de paciência e de tempo" (Montello, 1998, p. 1376-1377).

Nos trechos seguintes, Montello se concentra nos personagens balzaquianos, algo bastante peculiar da obra do francês. Quanto mais personagens, mais o autor pode explorar a condição humana e os aspectos psicológicos deles, tornando-os, dessa forma, mais acessíveis intelectualmente, por assim dizer, mais próximos do leitor. Nessa empreitada, uma lição que impactou Montello foi a estratégia de Balzac para incorporar uma ampla variedade de personagens na trama de sua narrativa:

> Quem visitou a Casa de Balzac, em Paris, ali há de ter visto, na prateleira de uma vitrina, os pequeninos bonecos de que se utilizava o romancista para representar seus personagens, no correr da composição de um romance. Quando um personagem se achava em cena, estava em cima da mesa o calunga correspondente: quando saía de cena, Balzac recolhia o boneco à gaveta da secretária, e dali volvia a tirá-lo, sempre que a ação da narrativa lhe reclamava o retorno (Montello, 1986, p. 57).

Abaixo, Montello reflete acerca da habilidade balzaquiana em descrever as centenas de seus personagens sem perder as peculiaridades da narrativa. Assim, o trecho de *Diário da Madrugada* explicita que:

> 30 DE DEZEMBRO [DE 1991]
> Quem lê La Bruyère, com experiência de um romancista, detendo-se nos sucessivos personagens que lhe enxameiam os textos, como fixação de figuras e de momentos da condição humana, facilmente reconhece que ele poderia ter sido, não apenas o moralista inexcedível, mas também o narrador incomparável, capaz de escrever com o que viu, observou e fixou, a comédia humana de seu tempo, tão rica quanto a de Balzac. O romancista estava ali, à espera da urdidura narrativa. Mas os personagens eram tantos, com a exatidão de seus traços inconfundíveis e marcantes, que o narrador se limitou a transpor para o papel os tipos que lhe afloravam à memória, retidos pela vigilância de seu olhar. Abro o volume das obras completas do mestre, na edição da Pléiade, organizada por Julien Benda, e dou com este exemplo, ao acaso: "É grande miséria não ter espírito para falar bem nem ter discernimento bastante para ficar calado. Eis aí o princípio de toda impertinência." E adiante, noutro reparo exato: "Falar e ofender, para certas pessoas, é a mesma coisa." E ainda: "Muitas vezes é mais rápido e mais útil enquadrar os outros do que fazer com que os outros se ajustem a nós" (Montello, 1998, p. 891).

Essa relação próxima – Montello/Balzac – não passou despercebida pelos críticos, rendendo-lhe, por conseguinte, o estudo *Cenas da Vida Urbana em Os Tambores de São Luís, de Josué Montello: Ressonâncias Balzaquianas*, da Mestra em Estudos de Linguagem Ceres de Moraes Gomes Lima (2016). Na pesquisa, a estudiosa analisa correspondências entre o romance *Os Tambores de São Luís*, maranhense, e *Ferragus*, francês. Propositalmente ou não, a pesquisadora se eximiu de fazer uso dos diários de Montello numa possível fundamentação de sua dissertação, mas isso de forma alguma foi capaz de causar prejuízo a sua pesquisa. No trecho abaixo, Lima pontua que:

> Na primeira instância, aponta-se para o discurso literário de uma literatura nacional, que se constrói de forma provinciana: nação colonizada, sem nenhuma tradição literária em seu passado histórico enquanto colônia, mas que surge e ganha evidência através de determinados autores. *Os Tambores de São Luís* é um romance de cunho histórico, movido pelo social e político, que traz em si o levante desses contextos de forma rígida. O escritor utiliza-se de profundo cuidado na descrição dos fatos históricos, pois ele faz daquele período, daquela realidade o seu tempo real, fictício e imaginário.
>
> *Ferragus* também traz em sua construção narrativa a vida histórica, social, política e cultural de uma nação reconhecida e estabelecida em relação ao momento em que foi criada. Balzac propõe uma narrativa pictórica: ele "pinta", dá o tom das cores, paineliza, retrata a passagem histórica do momento político e cultural de Paris, a grande protagonista da obra cidade que recebeu movimentos literários de outros mundos e com eles dialogou, bem como exportou seus movimentos (Lima, 2017, p. 42).

A autora destaca que ambas as obras são abrangentes e semelhantes em vários aspectos. Uma obra inserida na chamada saga maranhense e outra na saga francesa, contando com centenas de personagens dotados, muitas vezes, de enorme complexidade interpretativa. O primeiro, mais antigo, tem como cenário histórico São Luís. A outra, mais contemporânea, é ambientada em Paris. Apesar de não terem cruzado caminhos e de terem vivido em contextos sociais distintos, separados por um oceano, ambos eram escritores prolíficos, de modo que predominavam na totalidade de suas obras

as novelas e os romances. Muitas vezes, essas produções literárias estavam interligadas umas às outras.

Portanto: "Na dinâmica das ficções de Josué Montello e Honoré de Balzac, existe um encontro dos significados da palavra literária. Embora signos de culturas e sociedades distintas, estão carregados de intenções peculiares que dialogam e se entrecruzam. (Lima, 2016, p. 167). Fica claro, desta forma, que as leituras diversas efetuadas por Montello durante toda a sua vida, apesar das agruras enfrentadas desde muito cedo, teve papel fundamental nas criações advindas do autor maranhense, sendo parte de sua essência e transparecendo em todas as suas escrituras.

Considerações finais

A análise dos diários de Josué Montello revela não apenas o testemunho de sua jornada intelectual, mas também a interdependência intrínseca entre leitura e escrita, que marcaram sua trajetória criativa. Montello, um intelectual exemplar, sempre reconheceu a leitura como a fonte primordial de inspiração e conhecimento, mesmo em meio ao árduo trabalho de escrita. Essa constatação desafia a ideia de que a produção literária possa prescindir da atividade de leitura; ao contrário, as duas práticas se alimentam mutuamente, formando um elo indissociável no processo criativo.

Os registros pessoais de Montello oferecem uma visão profunda de suas reflexões, ansiedades e, acima de tudo, de seu compromisso inabalável com o ofício literário. Ao inspirar-se em figuras como Woolf e Balzac que habitam suas estantes, Montello demonstrou que a busca por sabedoria e aprendizado é interminável e deve ser uma constante na vida de qualquer escritor.

Por fim, é essencial reconhecer que os diários de Montello não apenas documentam sua trajetória pessoal, mas também servem como um convite à reflexão sobre a importância da leitura na formação de um escritor. Eles nos lembram que, na complexa dança entre ler e escrever, ambos são essenciais para o desenvolvimento do intelecto e da criatividade. Assim, Montello se destaca não apenas como um autor, mas também como um eterno aprendiz, cuja paixão pelas palavras, em suas diversas formas, ressoa

profundamente na literatura contemporânea tendo seus diários são testemunhas inconteste de todo esse percurso.

Referências

ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles Van. *Como ler livros*: o guia clássico para a leitura inteligente. Trad. Edward Horst Wolff e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

BARBOSA, Amilcar Bettega. *Da leitura à escrita*: a construção de um texto, a formação de um escritor. 2012. Tese (Doutorado em Escrita Criativa) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua.* Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler.* Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*: os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos. Trad. Manuel Frias Martins. Lisboa: Temas e debates – Círculo de Leitores, 1994.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos.* Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GAMA, Mônica Fernanda Rodrigues. *"Plástico e contraditório rascunho"*: a autorrepresentação de João Guimarães Rosa. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LIMA, Ceres de Moraes Gomes. *Cenas da vida urbana em Os Tambores de São Luís, de Josué Montello*: ressonâncias balzaquianas. 2017. Dissertação

(Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

MONTELLO, Josué. *Diário completo.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MORICONI, Ítalo. "À moda da casa". In: PROSE, Francine. *Para ler como um escritor*: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Franklin de. *Literatura e civilização.* Rio de Janeiro: Difel; Brasília: INL, 1978.

PROSE, Francine. *Para ler como um escritor*: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Saulo Barreto Lima Fernandes
Possui Graduação em Direito (CEUMA), tendo sido aprovado no XXI Exame de Ordem; Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais (UEMA) e Licenciatura em História (UFMA). Em 2024 concluiu o Mestrado em Teoria Literária (UEMA) tendo como objeto de estudo os diários de Josué Montello. Tem artigos publicados em revistas, *sites* e jornais. Participou de antologias, coletâneas e livros coletivos auferindo algumas colocações em Prêmios Literários. Atuou como autor, coautor e organizador em mais de 15 obras científicas, literárias ou ensaísticas.

Douglas Rodrigues de Sousa
Pós-doutorado pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialização em Língua Estrangeira pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Graduação em Letras – Português pela UFPI. Professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Maria de Nazaré Barreto Trindade
Afro-amazônica. Militante da esquerda. Professora. Sou Maria de Nazaré Barreto Trindade (Moara). Nasci nestas verdes paragens amazônicas-filha de caboclos de Mosqueiro – *José e Francisca*. Foi nas águas frias do igarapé do Cajueiro, onde vivi parte de minha infância e adolescência, e na casa da vó paterna *Benedita* que escutei, nos serões na grande varanda, as primeiras histórias de assombração que estimularam a minha imaginação. Mosqueiro, espaço geográfico e afetivo que povoou desde cedo meu imaginário para a escrita. Assim, me construí leitora e escritora. Graduei em Matemática e anos depois em Língua Portuguesa pela UFPA, desenvolvi dissertação de Mestrado na área de Estudos Literários – onde estabeleci um diálogo com a trilogia *Cenas da vida do Amazonas*, do paraense Inglês de Sousa. Meus temas de interesse são: Cultura, Identidade, Paisagem, Literatura Negra. Doutora em Antropologia Social, na Universidade Federal do Pará, com pesquisa sobre escritoras da Amazônia do século XIX. Publiquei em 2017 um livro intitulado "Palavras entre rios e ruas: ensaios sobre literatura na Amazônia". Além de poesias e crônicas. Apreciadora e dançarina de carimbo. Axé!!!

Esta obra foi composta em adobe garamond e impressa para a
editora cancioneiro em julho de 2026.